

Parlamento dos Jovens 2025

Nos dias 26 e 27 de maio de 2025, realizou-se, no Palácio de São Bento, a Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens, este ano consagrada ao tema "Novas Tecnologias: oportunidades e desafios para os jovens". Este encontro nacional congregou estudantes de todo o território português num exercício simulado mas profundamente simbólico de participação democrática. Representando o Agrupamento de Escolas de São Martinho do Porto, o Rodrigo Carvalho e o Miguel Madeira desempenharam funções de deputados, enquanto eu, Valentim Pedro, estive presente na qualidade de jornalista do Círculo Eleitoral de Leiria.

À chegada ao Parlamento, nós participantes fomos acolhidos com um pequeno mas agradável lanche de boas-vindas, em seguida nós jovens jornalistas fomos encaminhados para uma visita guiada pelas instalações do edifício histórico. Esta visita, longe de ser meramente turística, constituiu uma oportunidade de contextualização histórica e política do espaço onde decorrem as mais significativas decisões legislativas do país. Simultaneamente, os jovens deputados organizaram-se em comissões, iniciando os seus trabalhos sem a tradicional orientação de parlamentares em exercício, uma alteração imposta pelas recentes eleições.

Seguiu-se uma sessão cultural na Sala do Senado, marcada por uma atuação de uma orquestra de percussão. Mais do que um simples interlúdio artístico, este momento revelou-se catalisador de manifestações espontâneas de expressão coletiva, com os jovens a entoar, em uníssono, canções emblemáticas da resistência e da democracia portuguesa, como "Grândola, Vila Morena". Estes momentos de coesão cívica transcendem o formalismo institucional e ofereceram um vislumbre de autenticidade no envolvimento político da juventude.

A vertente social da iniciativa revelou-se particularmente enriquecedora na minha opinião. A estadia noturna permitiu aos participantes estabelecerem laços interpessoais que transcendem o simples convívio: discutiram-se ideias, confrontaram-se perspetivas e teceram-se redes informais de diálogo político. Sendo na rua, quartos ou varandas, deu para "libertar" das formalidades e falar a 100%, na forma mais crua de convicção pessoal, algo que não pude fazer por ser jornalista nas sessões oficiais, mas uma ocasião agradável, uma das muitas parte desta vertente social que enriqueceu a experiência para lá dos limites do plenário.

Admito que, inicialmente, a minha postura era marcada por ceticismo, talvez até diria cinismo. Tinha a percepção de que o Parlamento dos Jovens seria, em larga medida, um simulacro partidário, onde jovens membros de juventudes político-partidárias imitariam as práticas mais estéreis do parlamentarismo liberal real, discursos vazios, estratégias performativas e escasso conteúdo substantivo. E, de facto, essas dinâmicas estiveram presentes. Contudo, a minha visão foi moderada por momentos

genuínos de intervenção crítica, reflexão fundamentada e momentos de verdadeira defesa por ideais democráticos, não só nos cânticos referidos previamente, mas também nos próprios discursos e retórica que falava muito da ocasião dos 50 anos do 25 de abril. A minha esperança no futuro político da juventude não desapareceu nem retornou a uma visão idealista, antes, tornou-se mais matizada, mais exigente, mais realista. Mas sem tirar esperança de um crescimento futuro da organização política espontânea em Portugal, e até numa maior escala, claro.

A sessão plenária foi formalmente inaugurada por José Pedro Aguiar-Branco, Presidente da Assembleia da República, que salientou a centralidade da juventude na renovação democrática. Seguiu-se um período de perguntas, onde os jovens jornalistas puderam confrontar diretamente a mais alta figura do poder legislativo português sobre temas relacionados com representação, ética política e os impactos sociais das novas tecnologias.

Prosseguiu-se com o debate das propostas de Recomendação Final à Assembleia da República. Embora algumas intervenções confirmassem os meus receios nomeadamente pela sua superficialidade, retórica vazia ou teatralização excessiva, havia momentos onde era demonstrada capacidade argumentativa, sensibilidade política e maturidade cívica. Estas últimas demonstram que, mesmo num ambiente “simulado”, é possível articular propostas com impacto e consistência.

No período da tarde, decorreu uma conferência de imprensa no Salão Nobre, conduzida pela jornalista Judith Menezes e Sousa. Esta profissional partilhou a sua experiência no seu trabalho neste campo, e as suas palavras incidiram sobre a necessidade de um jornalismo ético, informado e independente, sobretudo num contexto de acelerada digitalização e proliferação de desinformação.

O momento culminante deu-se com a votação das propostas de recomendação. Tratou-se de um exercício essencial, onde cada círculo eleitoral teve oportunidade de expressar a sua posição e contribuir para um projeto coletivo de intervenção cívica. Infelizmente, os meus colegas deputados da minha escola não chegaram a intervir, algo que se lamentaram mais tarde, mas não tirou valor substancial da experiência vivida, ou pelo menos é algo que posso ponderar com alguma certeza com o que conversei com eles após o evento.

O encerramento da sessão contou com a presença de Julieta Sampaio, fundadora do Parlamento dos Jovens. O seu discurso final foi particularmente comovente, num ano em que se celebram os 50 anos do 25 de Abril e os 30 anos da própria iniciativa. A sua emoção diante dos cânticos finais que irromperam do parlamento, "Grândola, Vila Morena" e "25 de Abril Sempre", reforçaram a convicção de que este projeto representa um vetor fundamental na formação política das novas gerações.

Esta experiência revelou-se intelectualmente estimulante, civicamente desafiante e algo que me vai enriquecer e sempre irá me intrigar socialmente (em termos de análise social). Num contexto social marcado por uma crescente apatia política e fragmentação discursiva, desinformações, ódio, desigualdades e muito mais, o Parlamento dos Jovens constitui, com todas as suas imperfeições, um espaço singular de aprendizagem democrática. A democracia constrói-se com dissenso, com escuta, com responsabilidade (e, acima de tudo, com pessoas dispostas a participar). Neste encontro, encontrei isso tudo: entusiasmo, conflito, idealismo, pragmatismo e crítica. Talvez seja esse o retrato mais fiel da democracia em qualquer idade.

Valentim Pedro

12º Ano, Agrupamento de Escolas de São Martinho do Porto,
Círculo Eleitoral de Leiria